

JORNALISMO LITERÁRIO E INVENÇÃO DO COTIDIANO: paisagens humanas com Eliane Brum¹

Graziele Rodrigues de Oliveira²

Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA)

RESUMO

O foco do trabalho é realizar uma articulação das reportagens literárias do livro *A vida que ninguém vê*, da jornalista Eliane Brum com a teoria *A invenção do cotidiano* de Michel de Certeau. O estudo busca discutir acerca do cotidiano e as características dos personagens inseridos numa geografia cultural em transição. No livro há várias histórias de personagens com algo em comum: a invisibilidade. São sujeitos à exclusão, ou ao desaparecimento dentro da hierarquia de poder na sociedade, mas que segundo Certeau (1998, p.38) não são sujeitos passivos, “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada”, a invenção e a insubmissão dos indivíduos que mesmo num sistema de dominação, resistem. Também a discussão sobre a contribuição da autora para a formação de uma paisagem humana da região de Porto Alegre. Para tanto, é de costume encontrar nos jornais notícias com base estatística, e na busca de trazer à tona o heterogêneo do cotidiano, Eliane Brum desvela em palavras um cotidiano escondido pelas estatísticas e pelas máscaras da noticiabilidade homogênea.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário; paisagem; Invenção do Cotidiano.

“A imprensa tradicional sempre contou a história de quem faz sucesso, de quem tem dinheiro, de quem supera alguma grande coisa, ou faz algo que ninguém fez. Esse homem e mulher comum que construía o país não era contado na história, porque é a imprensa que documenta a história cotidiana.” (Eliane Brum)

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Mestranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Especialista em Geopolítica e Relações Internacionais pela Rede de Educação Claretiano. Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela União Educacional de Cascavel (Univel-2015) e Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pelo Centro de Ensino Superior de Maringá (Unicesumar -2010).

1 A autora Eliane Brum

Gaúcha da cidade de Ijuí, Eliane Brum é jornalista, documentarista e escritora, se intitula como “escutadeira”, pois acredita que a aproximação do jornalismo com a realidade pode ser induzida por perguntas, assim saber ouvir é a tarefa mais importante para a elaboração da narrativa. Assim capta a literatura das ruas, dos lugares comuns e documenta nos principais jornais do país. Trabalhou para o jornal *Zero Hora* por 11 anos, foi repórter especial da Revista *Época* por 10 anos, atualmente escreve para o jornal *El País* (português e espanhol) e para o jornal *The Guardian* (inglês), em ambos os jornais, Eliane Brum capta o cotidiano e transforma em reportagens literárias³ ou textos de opinião.

Com a produção de reportagens Eliane Brum venceu mais de 40 prêmios nacionais e internacionais, entre eles, o prêmio *Esso*, *Vladimir Herzog*, *Sociedade Interamericana de Imprensa* e *Troféu Especial de Imprensa da ONU*. Escreveu seis livros: *Uma Duas*, o único romance, *O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*, *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*, o primeiro livro, *Coluna Prestes: o avesso da lenda*, que lhe rendeu o prêmio *Açorianos* de autora revelação (neste livro Eliane Brum entrevista 100 pessoas sem vínculo político e que testemunharam a passagem da *Coluna Prestes* em pequenas comunidades pelo Brasil) e o livro *A Vida Que Ninguém Vê*, que vamos discutir neste artigo, cuja obra recebeu o *Prêmio Jabuti* de melhor livro de reportagem do ano de 2006. O livro é resultado de uma série de colunas divulgadas pelo *Jornal Zero Hora* em 1999, composto por 23 reportagens de personagens que vivem no Estado do Rio Grande do Sul com vidas comuns e/ou marginalizadas, sujeitos à exclusão, ou ao desaparecimento dentro da hierarquia de poder na sociedade.

2 A invenção da paisagem humana no Rio Grande do Sul

A paisagem se revela em múltiplas definições, mas para Collot (1990), a concepção de paisagem natural perde-se o fundamento quando a ação do sujeito no espaço está intrinsecamente associada, além da transformação do ambiente pelas pessoas, o olhar do sujeito para o ambiente também é composto pela cultura e

³ O jornalismo literário ou new jornalismo consiste na narrativa jornalística quando esta incorpora o estilo da literatura na sua composição. Também pode ser denominada como a Literatura da realidade.

experiências, que a partir de então surgirá as interpretações para ademais do espaço enxergado. Assim a paisagem não é dada em completude, pois uma mesma paisagem para um sujeito será diferente para outro, a rede de significações é infinita, e as lacunas oferecem uma ampla rede semântica.

Além da paisagem não referir-se a um objeto sozinho e independente dos elementos que a compõe, para Collot (1990) a paisagem é uma janela para a interpretação de inúmeras nuances sobre a cultura dos sujeitos (identidades, economia, crenças e costumes), deste modo a construção literária tanto do autor/a como do leitor/a se vale da compreensão da língua, das práticas cotidianas, do conhecimento de mundo para a interpretação dos conglomerados de símbolos e signos para lhe fazer sentido, “A paisagem não é objeto autônomo em si face do qual o sujeito poderia se situar em uma relação de exterioridade; ela se revela numa experiência em que o sujeito e objeto são inseparáveis” (COLLOT, 1990, p. 22).

Sendo assim, o imaginário social completa as lacunas referentes ao local da narrativa e por meio das características culturais/sociais do espaço narrado consegue-se refletir sobre a união do sujeito e do objeto enxergado na paisagem. Para exemplificar este contexto destaco um primeiro fragmento da reportagem de Eliane Brum para análise, o texto foi intitulado como *Menino do Alto*:

O menino é desde então um prisioneiro no alto da torre da cidade. Suas pernas eram as únicas asas que tinha para voar sobre o fosso entre dois mundos. Tão perto do céu, estava no inferno. Para meninos de pernas assassinadas do alto, de nada serve uma cadeira de rodas. Quem tem os dois pés precisa de outros dois. Nos dias de chuarada só se caminha como bicho. (BRUM, 2007, p. 72).

No texto a frase, “tão perto do céu, estava no inferno”, revela uma interpretação do espaço e dos sujeitos nele inseridos, “do alto” de um morro, próximo ao “céu”, através da visualização imaginativa, enxerga-se uma paisagem de periferia, que mesmo as pessoas que não tem deficiência física tem o acesso à cidade⁴ dificultado, neste sentido a cidade é um “produto” em que só as pessoas favorecidas economicamente tem acesso, o que o autor Lefebvre chama de *direito à cidade*: “A proclamação e a realização da vida urbana como reino do uso (da troca e do encontro separados do valor de troca) exigem o domínio do econômico (do valor de troca, do mercado e da mercadoria) e por conseguinte se inscrevem nas perspectivas da revolução sob a

⁴ Cidade enquanto espaços urbanos de moradia, de lazer e de relações sociais.

hegemonia da classe operária” (2001, pg. 139). Assim o que é fundamental perceber é que a paisagem revela a situação socioeconômica da região metropolitana de Porto Alegre, recorre-se ao conjunto de saberes para decifrar que para além da paisagem periférica descrita, há a paisagem de “dois mundos” diferentes, o do rico e o do pobre, a desigualdade social. Desta forma a paisagem e o humano são indivisíveis ao ponto da paisagem revelar a situação do sujeito e o sujeito revelar a situação da paisagem.

Para Certeau (1998) a paisagem é espaço quando ocorre uma articulação no lugar, quando a repórter adentra no lugar, observa, registra e interage com os sujeitos, o lugar se torna espaço. Por meio da narrativa de Brum (2007), constrói-se esta articulação de lugar repleto de significantes e significados. O espaço é vivido de diversas formas, mas a narrativa é a construção de uma vivência própria, ou seja, um novo espaço é criado quando este é relatado. Neste caso a vista panorâmica do alto do morro ao qual o personagem está inserido, rompe com o estereótipo da bela vista do Guaíba para a cidade de Porto Alegre, revela outra paisagem até então desconhecida pelos leitores da reportagem, a paisagem humana e social.

Na imaginação do leitor/a ocorre uma “invenção” de paisagem, o que não era enxergado, agora faz parte da memória, Certeau explica este contexto da seguinte forma:

Astúcia, metáfora, combinatória, esta produção é igualmente uma “invenção” de memória. Faz das palavras as soluções de histórias mudas. O legível se transforma em memorável: Barthes lê Proust no texto de Stendhal; o espectador lê a paisagem de sua infância na reportagem de atualidades. A fina película do escrito se torna um remover de camadas, um jogo de espaços. Um mundo diferente (o do leitor) se introduz no lugar do autor. (1998, p. 49)

É comum a atribuição de significado da palavra paisagem como “extensão de território que se abrange com um lance de vista”⁵, mas nem por isso esta visualização é estática ou neutra; nos estudos de Cabral (2000) o autor destaca que a visualização de uma paisagem nunca é ingênua, o ato de ver sempre é carregado de sentidos e interpretações que são construídas a partir de um conhecimento prévio. Desta maneira a paisagem nunca vai mostrar o todo, sempre vai oferecer uma parte, mas o conjunto de informações e experiências do sujeito vai completar o espaço para compor uma significação maior do que apenas o quadro divisado, e que não será isolado. Também a

⁵ Definição de paisagem retirado do dicionário Aurélio. HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Novo dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

relação da paisagem com o sujeito é dependente, pois o sujeito e a paisagem se completam, as experiências do sujeito são firmadas no espaço que lhe é envolvido, assim o leitor de Eliane Brum assimila um presente relativo na leitura da reportagem e recorre-se à memória de um lugar que vai assumir o papel de mudança de olhar para o que não foi visto antes, no livro as palavras vão dar lugar à nova formação de imaginário.

Para Collot (2013) este fenômeno de decifrar a partir de uma paisagem as nuances do social e dos sujeitos envolvidos faz parte do “pensamento-paisagem” quando se escreve o ver, o pensar; e conseqüentemente o fazer são reformulados, pois passa a ser novas experiências e saberes do cotidiano.

Há ainda a *romantização* das paisagens, que envolve efeitos, sentimentos inerentes ao ser humano que também são inseparáveis no texto, quando o sentido do texto da autora transita entre a informação dada e o misto de sentimentos narrados que Collot (2013) vai chamar de ponto de vista. A descrição narrativa sobre a paisagem não é desgarrada do ponto de vista e estas descrições estão sujeitas às interpretações sentimentais, pois provoca o pensar e o sentir (o sentir indignação, o sentir compaixão). Quando este misto de reflexões e sentimentos se junta uma nova ação é inventada, o que se pode chamar de “invenção da paisagem”.

2.1 Invenção do cotidiano em *A vida que ninguém vê*

O historiador Michel de Certeau traz vários estudos sobre os sujeitos às margens e como as relações sociais e econômicas são construídas no cotidiano. Para o estudo deste artigo destaco a obra *A invenção do Cotidiano*. Nesta obra Certeau (1998) analisa a subversão das pessoas frente às imposições das instituições econômicas e sociais, as resistências do sujeito perante o sistema socioeconômico, conceituadas por Certeau de “tática”, ou seja, é a ação do mais fraco em defesa da estratégia (o mais forte), que resulta no imprevisto, em suas palavras: “a presença e a circulação de uma representação (ensinada como có-digo da promoção sócio-econômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários” (Certeau, 1998, p. 39), ou seja, o “lado mais fraco” resiste sobre o mais forte, as instituições de domínio, o Estado, a escola, o mercado e a estruturação da sociedade. Pode-se relacionar com esta ideia o fragmento da reportagem abaixo, *O colecionador das almas sobradas*:

Ninguém sabe dizer quando foi que Oscar Kulemkamp iniciou sua resistência. O fato é que dia após dia ele peregrina pelas ruas de Porto Alegre. Começou resgatando banquinhos amputados e lhes devolvendo as pernas. Acabou tomando para si pedaços da cidade. Vai de lixeira em lixeira, até onde alcança, recolhendo nacos de pau e de canos, ventiladores quebrados, brinquedos abandonados. Tarefa árdua, porque ele é um só no combatente contra um exército de 1,3 milhão de pessoas que todos os dias botam fora as sobras de suas vidas (BRUM, 2007, p. 48).

Oscar Kulemkamp é o personagem que foge da ordem, mesmo em um sistema de dominação, resiste. Neste quadro pode-se destacar que o sujeito Oscar Kulemkamp faz da “bricolagem” um estilo de vida, ao juntar objetos que pertenceram a outras pessoas, coleciona memórias, que mesmo contra os vizinhos que o denunciaram para a prefeitura, Oscar Kulemkamp resiste. Neste sentido relaciona-se a reportagem com a subversão do sujeito, que quando é marginalizado ou excluído do convívio social, inventa um modo próprio de viver e dá significado ao que pelos padrões da sociedade “não deveriam” dar, forma-se um novo jeito de viver às margens (um novo cotidiano) e também cria um novo espaço para viver.

Neste contexto Brum (2007) busca desvendar o que no geral a mídia esconde, o “sujeito subversivo”, o que os sujeitos fazem com suas vidas às margens? O que eles fazem com as informações recebidas? Certeau (1998) chama este fazer cotidiano, que muda no tempo as ações e métodos que “eram” para ser controlados e padronizados, de *bricolagem*, ou seja, recortes de informações, pedaços de pensamentos, relatos de experiências que formará uma ação, que vai inventar o cotidiano.

Segundo Sousa (2016), a abordagem sobre um personagem num espaço “universal” abre discussões acerca de uma invenção do cotidiano, porque leva o/a leitor/a as indagações sobre o lugar em que o personagem é inserido. A casa de Oscar Kulemkamp, o local onde ele amontoa os objetos que encontra nas ruas, aponta para uma memória com novos significados sobre aquele espaço, remonta história do lugar, porque agora é o “lugar” que além de texto virou documento ao ser transposto para o jornal.

O colecionador das almas sobradas é outra reportagem literária para análise, o texto faz várias referências às sobras em uma sociedade de consumo, “um mundo onde nem coisas nem pessoas sejam descartáveis” (BRUM, 2007, p.50). Não pelo consumo exacerbado e a produção de lixo (ou também por estes), mas principalmente por uma metáfora à sociedade de exclusão, refere-se ao descarte de pessoas quando estas não

estão inseridas no processo de produção para o mercado, é um resgate à questão humana de uma sociedade que se vê na condição em que até as pessoas se tornaram produtos descartáveis:

Um mundo onde nem coisas nem pessoas sejam descartáveis. Onde nada nem ninguém fique obsoleto depois de velho, quebrado ou torto. Um mundo onde todos tenham, igual valor. E a nenhum seja dado uma lixeira por destino. O número 81 da rua Bagé é o castelo de homem que inventou um mundo sem sobras. (BRUM, 2007, p.50).

Para Certeau (1998), as práticas cotidianas de uma “minoría” reafirmam as diversidades culturais, e mostra a resistência destas práticas à adoção de uma ordem arbitrária de ambientação dos espaços, ocorre assim uma recusa e outras maneiras de convivências são criadas na busca da identidade (pautada na filosofia de vida que lhe fizer sentido).

Desta maneira pode-se destacar outro personagem do livro em que atua contra as “determinações relacionais”, seu nome é Alverindo e seu espaço é o calçadão da Rua da Praia, no centro cosmopolita da cidade de Porto Alegre, onde a pluralidade é mais visível e as pessoas no aglomerado de coisas e situações, passam sem se ver. O espaço que Alverindo está inserido perde a invisibilidade dos leitores da reportagem, inclusive da autora, como se pode apontar neste registro da reportagem *O Sapo*:

O mais incrível é que o Sapo estava ali havia 30 anos. E há a mais de uma década cruzávamos na Rua da Praia. Minha cabeça no alto, a dele no rés do chão. Eu mirando seu rosto. Ele os seus pés. Só dias atrás tive a coragem de me agachar e nivelar nossos olhares, subvertendo as regras do jogo de que ambos participávamos. Não nos reconhecemos. (...) Sapo, como a maioria dos pedintes do centro, não está lá sozinho. É longa – e invisível – a rede que se estende por trás de cada um deles. (BRUM, 2007, p.60 a 61)

Aqui dá pra se dizer que a obra de Eliane Brum desvia o leitor do pensamento homogêneo, e revela personagens que são desvios da ordem vigente, seja pela necessidade de sobrevivência ou por simplesmente romper com a ordem e relação social, se situando às margens, o que Certeau (1998) chama de “tática”, um agir rápido em resposta da estratégia imposta.

Bocchetti (2015) em estudos sobre o cotidiano, questiona as tentativas das instituições em contabilizar padrões de comportamento que desconsideram as “artimanhas” do sujeito, os olhares sobre o mundo e seu funcionamento foram naturalizados pelas instituições, mas também pelas próprias práticas cotidianas, pois segundo Certeau (1998) as estatísticas não conseguem encontrar as diferenças de

opiniões e práticas cotidianas. As estatísticas sobre a identidade social dos sujeitos reduzem as formas, os sentidos de convivência em números, por isso buscam a homogeneidade nas práticas sociais.

3 Considerações finais

O jornalismo pautado na estatística é basicamente uma regra de produção de reportagens dentro dos principais jornais do país, por uma questão técnica de se fazer a notícia com critérios estabelecidos para a noticiabilidade e o padrão norte-americano adotado. Assim o jornalismo literário passa a ser uma fuga do padrão em que a busca pela “verdade” se estabelece em números (estatísticas) ou critérios como o que chamamos de proeminência dos fatos (o jornalismo que conta a história de grandes nomes, personalidades famosas), Eliane Brum adota o que surgiu com Truman Capote, *À Sangue Frio*, o *new journalism*, o jornalismo que humaniza os fatos e principalmente o jornalismo que protagoniza a vida de pessoas comuns, sobre isso a autora relata:

Toda semana me alcançavam relatos que acabavam assim: “Descobri que minha vida é especial. Mudou tudo.” Bastava o reconhecimento do outro, vindo de um lugar legitimado como uma página de jornal de sábado, para que músculos oculares atrofiados pela falta de uso voltassem a se exercitar para enxergar a própria vida de outros ângulos possíveis. Quem consegue olhar para a própria vida com generosidade torna-se capaz de alcançar a vida do outro. Olhar é um exercício cotidiano de resistência. (BRUM, 2007, p.188)

As reportagens literárias subvertem a imaginação do leitor adaptado ao mesmo, uma das funções principais da literatura no meio de inúmeras informações apontando para a mesma direção. As reportagens literárias de Eliane Brum fecham as lacunas para a interpretação da paisagem, conforme Collot (1990) para abrir outras lacunas com maior pluralidade de análises de uma paisagem imaginada, uma delas é a descoberta do cotidiano algumas pessoas marginalizadas. O cotidiano é refeito desde o momento em que a repórter entra nas histórias dos personagens refazendo a mudança de olhar no cotidiano do personagem, assim como o seu próprio cotidiano, o que Certeau (1998) considera que são as resistências que acontecem a todo o momento e inventam o cotidiano.

Referências bibliográficas

BOCCHETTI, André. Entre golpes e dispositivos: Foucault, Certeau e a constituição dos sujeitos. **História da historiografia**, v. 18, n. 18, Ouro Preto, ago. 2015, p. 43-56. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15848/hh.v0i18.921>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

CABRAL, Luiz Otávio. A paisagem enquanto fenômeno vivido. **Geosul**, v.15, n.30, Florianópolis, jul/dez. 2000, p. 34 – 35. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/14252/13053>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

CASSIGOLI SALAMON, Rossana. ANTROPOLOGÍA DE LAS PRÁCTICAS COTIDIANAS: MICHEL DE CERTEAU. **Chungará (Arica)**, Arica, v. 48, n. 4, p. 679-690, dic. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-73562016000400012&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 13 jun. 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. Disponível em: <<https://gambiarre.files.wordpress.com/2010/09/michel-de-certeau-a-invinc3a7c3a2o-do-cotidiano.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

COLLOT, Michel. **Pontos de vista sobre as percepções da paisagem**. Boletim da Geografia Teórica, vol.20 (39); p: 21-32. Rio Claro: Unesp, 1990.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Organização da tradução: Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

FARINA, Marcelo Bernardes; LUCHT, Janine Marques Passini. O gigante acordou: o posicionamento editorial de Zero Hora nas manifestações de 2013. **Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores da História da Mídia**, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-impressa/o-gigante-acordou-o-posicionamento-editorial-de-zero-hora-nas-manifestacoes-de-2013/view>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Novo dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

SOUZA, Gustavo. Representações do cotidiano em documentários de periferia. **Animus - Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 15, n. 29, Santa Maria, 2016, p.246-260. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5902/217549779803>>. Acesso em: 01 jun. 2017.